

Bibliografia sobre comunicação e educação

Ismar de Oliveira Soares¹

Professor livre-docente do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP.

Coordenador do NCE² – Núcleo de Comunicação e Educação.

Presidente da UCIP – Union Catholique Internationale de la Presse (2001-2004).

E-mail: ismarolive@yahoo.com

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. 4. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2006. 115 p. (Educação Contemporânea).

A intenção de Maria Luiza Belloni é esclarecer questões teóricas relacionadas ao ensino a distância, apresentando de forma crítica as concepções que fundamentam muitas das práticas em desenvolvimento – como o fordismo e o neofordismo – e, ao mesmo tempo, estimular um processo de aprendizagem autônomo e emancipatório do sujeito-aprendiz do século XXI.

Nesse sentido, para a autora, a aprendizagem aberta e a distância (AAD) pós-fordista caracteriza-se essencialmente pela flexibilidade, abertura dos sistemas e autonomia do estudante. Neste modelo, a ênfase nos processos de ensino é substituída pelo destaque aos processos de aprendizagem, ou seja, às características e necessidades dos estudantes, aos modos e condições de estudo, aos níveis de motivação etc.

Os sistemas de EaD, por sua vez, exigem do professor um trabalho mais racionalizado e segmentado, o que implica transformá-lo mais do que nunca em uma entidade coletiva. Em outras palavras, o que a autora discute é a necessidade de formação de “professores coletivos” para atender à necessidade de formação de “estudantes autônomos”.

DALLA COSTA, Rosa Maria et al. **Teoria da comunicação na América Latina**: da herança cultural à construção de uma identidade própria. 1. ed. Curitiba: Ed. UFPR, 2006. 198 p.

Esta publicação da Universidade Federal do Paraná é resultado de uma atividade didática iniciada em 1996 pela professora Rosa Maria Cardoso Dalla Costa, com seus alunos do curso de Comunicação Social. Baseia-se na pesquisa de nomes que representam as principais correntes teóricas da comunicação no continente, destacando suas biografias, obras e contribuições. O trabalho levou seis anos para ser concluído, tendo sido finalmente sistematizado pelos estudantes Daniele Siqueira e Rafael Costa Machado, sob a orientação de Dalla Costa.

O resultado é um livro de fácil leitura, recomendado para alunos de graduação em Comunicação e Pedagogia. Didaticamente dividido em duas partes, reúne inicialmente os pensadores clássicos do funcionalismo, da Escola de Frank-

1. Colaboração de Silene Lourenço, Marciel A. Consani e Claudemir Viana.

2. O NCE localiza-se na Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 – bloco 9, sala 8 – Cidade Universitária – CEP 0558-900 – São Paulo/SP – Tel.: (11) 3091-4784. E-mail: nce@edu.usp.br.

furt e do estruturalismo. Em segundo lugar, aparecem os autores da América Latina, incluindo, pela primeira vez em livros desta natureza, pensadores que se voltam à inter-relação comunicação/educação. A obra conta ainda com textos adicionais e quadros explicativos que ora complementam, ora aprofundam o conteúdo central.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História da escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2005. 485 p.

Em seu artigo *As tortuosas vias da educação nacional (Estado de S. Paulo, 20/11/2005)*, Leonardo Trevisan declara que é preciso coragem para contar a história da educação brasileira e explica: “O risco de acabar na ingênua mitificação plena de elogios, ou na destruição purificadora de tudo, é grande”. Não foi isso que ocorreu com a obra de Maria Luiza Marcílio, considerada, pelo autor do artigo e pela crítica em geral, como um clássico por sua profundidade e isenção.

A autora, que é professora da USP, usou a história do ensino na cidade de São Paulo, a começar pela ação de Anchieta e dos jesuítas, para analisar a evolução da cultura educacional brasileira. Com uma argumentação robusta, baseada em pesquisa histórica bem cuidada, proporciona ao leitor uma compreensão ampla dos problemas da educação no Brasil, ao longo de toda sua história.

Uma das observações que chamam a atenção diz respeito à conclusão de que a educação foi a responsável, no Brasil, na década de 1970, por um dos mais altos índices de mobilidade social do mundo, apesar de o país permanecer campeão na desigualdade social.

Este livro torna-se indispensável para quem vê na educação de boa qualidade a chave do sucesso na sociedade do conhecimento.

SANCHO, Juana M.; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006. 198 p.

O livro apresenta o estado da arte no uso pedagógico das TICs a partir do ponto de vista da experiência européia (ou, mais propriamente, espanhola). Os autores/organizadores defendem a Pedagogia de Projetos, vertente educativa fundamentada nas idéias de John Dewey (1859-1952).

Embora seja uma coletânea de artigos, nota-se um grau satisfatório de amadurecimento e aprofundamento nos temas abordados, reunidos em quatro vertentes: 1ª) A reconstrução do percurso histórico das TICs na educação, apresentada nos capítulos de Sancho e de Manuel Area; 2ª) O papel das TICs no currículo escolar, assunto dos capítulos escritos respectivamente por Hernández e Juan de Pablos; 3ª) Relatos de experiências com TICs em escolas européias, expostos por Anne Gilleran e David Instance; e, por fim, 4ª) Temas atuais em destaque, como organização escolar e TIC, tratados por Ángel San Martín, e tecnologias para educação inclusiva, com contribuição de Carmem Alba no capítulo seis. Dentro dos objetivos propostos, podemos considerar o livro uma contribuição tão significativa quanto pertinente.

BARRAL, Étienne. **Otaku, os filhos do virtual**. São Paulo: Senac, 2006. 271 p.

Sociólogo e jornalista, o francês Étienne Barral apresenta em seu livro um estudo sociológico e de caráter investigativo sobre a cultura virtual dos jovens japoneses. Otaku é o típico jovem cibernético, numa sociedade japonesa contemporânea e altamente tecnológica, que tem o mundo digital como principal meio de interação e expressão de seus desejos e realizações no consumo, na cultura, nas instituições e até na religião. Em uma leitura agradável, o autor vai desvendando uma sociedade e seus indivíduos, cujas características podem ser observadas em toda sociedade contemporânea em que as novas formas de comunicação e entretenimento, como a internet, os jogos digitais, as comunidades virtuais, os desenhos animados e os *videogames*, ganham dimensão de catalisadores de uma nova cultura.

O livro está organizado em três partes. Na primeira, Étienne apresenta o perfil de Otaku e seu modo de vida. Analisa como a cultura virtual, com seus valores particulares, torna possível a existência e a forte presença desse grupo de jovens. Na segunda parte, o autor aprofunda a investigação com abordagens psicológicas desses indivíduos e de seus grupos, procurando entender o surgimento de Otaku, contextualizando-o na sociedade japonesa do pós-guerra e demonstrando sua evolução até hoje. E, na terceira parte, mostra como certas características observadas no perfil de Otaku e de seu grupo se fazem presentes no âmbito espiritual de instituições ou seitas religiosas.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. 2. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2005. 97 p. (Polêmicas do nosso tempo, 78).

O livro de Maria Luiza Belloni representa uma significativa contribuição para o entendimento de conceitos como tecnologia educacional, comunicação educacional, educação para os meios e mídia-educação, próprios de um campo ainda incipiente no Brasil.

Os trabalhos apresentados são reflexões nascidas de pesquisas empíricas da autora, realizadas ao longo de aproximadamente vinte anos, com base em duas questões fundamentais: como os jovens apropriam-se das novas tecnologias da informação e da comunicação disponibilizadas para a sociedade de forma cada vez mais veloz e, em contrapartida, como as instituições de ensino e seus professores assumem – ou não – esses instrumentos, integrando-os a seu cotidiano.

Dentre os trabalhos, destaca-se o Programa Formação do Telespectador, implementado em escolas públicas de Primeiro Grau (Ensino Fundamental) nas cidades de Brasília, Rio de Janeiro e Florianópolis.

Em seu conjunto, o livro defende a educação e a comunicação como instrumentos de luta para a emancipação dos indivíduos e dos grupos sociais, e não apenas como estruturas de reprodução das desigualdades sociais. Nesse sentido, advoga o acesso das crianças a uma educação de qualidade que disponha das tecnologias para promover a liberdade de expressão e uma comunicação sem preconceitos.

ALVES, Lynn. *Game Over*: jogos eletrônicos e violência. São Paulo: Futura, 2005. 255 p.

A obra, dividida em oito capítulos, traz os resultados de investigação sobre a relação entre jogos eletrônicos e violência, a partir da observação e análise do comportamento de cinco *gamers* que vivem imersos no mundo virtual.

No decorrer dos capítulos, a autora investiga o lúdico e o jogo como elementos importantíssimos no desenvolvimento social, cognitivo, cultural e afetivo dos sujeitos. Discute a cultura como um sistema semiótico e chama a atenção para o fenômeno da simulação presente não só nos jogos eletrônicos, mas também nos filmes, na mídia e em demais aspectos da vida social. Ela considera os jogos eletrônicos como espaços nos quais os sujeitos exercitam questões existenciais de ordem afetiva, social e cognitiva. Volta-se depois, especificamente, para a análise da violência, procurando desmistificar a relação linear e maniqueísta de causa e efeito que se atribui à relação entre comportamento e consumo midiático.

O livro conclui-se com reflexões as quais apontam para os desafios que a disseminação das tecnologias digitais e seus produtos coloca para a escola e sociedade em geral.

MENDES, Cláudio Lúcio. *Jogos eletrônicos: diversão, poder e subjetivação*. Campinas-SP: Papirus, 2006. 155 p.

Cláudio Lúcio Mendes usa o conceito *governo* do filósofo Michel Foucault para debater duas questões: o que leva alguém a conectar-se aos jogos eletrônicos? E que efeitos esses jogos têm sobre crianças e jovens?

O autor entende os jogos eletrônicos como formadores da subjetivação de quem os joga e em sua análise trabalha com os denominados mecanismos de governo, quais sejam: a comunidade de jogadores, as formas de educação presentes nos jogos, as histórias e narrativas dos jogos. Ademais, leva em conta algumas categorias sociológicas de avaliação, como a idade, o gênero e a classe social para compreender de que modo os jogos são produzidos/consumidos.

A partir da investigação dos jogos, o autor identifica o perfil do sujeito-jogador idealizado e examina também de que forma este se constitui em sujeito ao interagir com o *game*. Discute ainda as relações de poder presentes nos jogadores, sempre dinâmicas, entendidas como mecanismos de construção da noção de si e do outro.

Por fim, demonstra que a transformação do poder igualmente transforma as técnicas de subjetivação, e que esta possibilita criar o sentimento de liberdade que a autoconfiança traz em cada sujeito ao jogar.

COSTA, Cristina (Org.). *Comunicação e censura: o circo-teatro na produção paulista de 1930 a 1970*. São Paulo: Terceira Margem, 2006. 244 p.

O leitor encontrará neste livro análises de diversos autores sobre o circo-teatro como um espaço que, na primeira metade do século XX, serviu de palco para a produção cultural e artística paulista, apresentando na cidade de

São Paulo e em todo o interior do Estado, além de números cômicos e malarismos, peças de teatro de qualidade. Assim, o circo-teatro cumpria uma importante função de comunicação e informação, graças a sua mobilidade e itinerância que lhe permitiam chegar a cidades distantes, desprovidas de casas de espetáculos e até mesmo de rádio e outros meios de entretenimento.

O circo-teatro atualizou seu público, encenando, adaptando e apresentando espetáculos que encantavam pessoas do mundo todo, como *Ben-hur* – a saga do judeu que lutou contra o Império Romano. Além disso, formou técnicos, autores e tradutores que nas décadas seguintes ajudaram a compor a televisão brasileira.

Toda essa história que ameaçava perder-se hoje é resgatada com o auxílio do projeto de pesquisa realizado junto ao Arquivo Miroel Silveira – composto de mais de 6 mil processos de censura prévia ao teatro provenientes do Departamento de Diversões Públicas do Estado de São Paulo. Também as famílias circenses, antes de iniciar sua temporada artística, tinham de submeter aos censores as obras que iriam encenar. A forma como os censores agiram sobre os textos apresentados também é objeto deste livro.